



Exploração polifónica do património cultural de Madrid no início do século XX através da narrativa de viagens de autoras latino-americanas


A polyphonic exploration of the cultural heritage of Madrid in the early 20th century through the travel narratives of Latin American women writers

[10.29073/naus.v7i2.960](https://doi.org/10.29073/naus.v7i2.960)

Recebido: 12 de novembro de 2024.

Aprovado: 13 de fevereiro 2025.

Publicado: 19 de março de 2025.

Autor/a: Alba Comino , Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, Portugal, albacomino@fcsh.unl.pt.

Resumo

Este estudo explora a interação entre a paisagem urbana histórica e as narrativas patrimoniais oficiais e hegemónicas, com base nas experiências de escritoras latino-americanas em Madrid, no início do século XX. A representação do património cultural na literatura de viagens reflete uma seleção moldada por diversas influências, desde discursos patrimoniais autorizados, mediados por leituras prévias ou visitas guiadas, até aos interesses pessoais das escritoras. A partir de uma abordagem das Humanidades Digitais, a comparação das perceções de Echeverría, Matto, Camarillo e Carrasquilla sobre o património cultural de Madrid no primeiro terço do século XX revela um relato histórico polifónico e dinâmico. Esta análise destaca a diversidade de sensibilidades em relação ao património cultural europeu, bem como as discordâncias entre elas. A informação presente nos livros de viagens estudados, por vezes entrelaçada com tradições europeias, mas frequentemente marcada por um sentido de alteridade, oferece um terreno fértil para a construção de narrativas históricas decoloniais, inclusivas e plurais.

Palavras-Chave: Camarillo; Carrasquilla; Echeverría; Madrid; Matto.

Abstract

This study explores the interaction between the historical urban landscape and official and hegemonic heritage narratives, based on the experiences of Latin American women writers in early 20th century Madrid. The representation of cultural heritage in travel literature reflects a selection shaped by various influences, ranging from authorised heritage discourses, mediated by prior readings or guided tours, to the writers' personal interests. Through a Digital Humanities approach, a comparative evaluation of the perceptions of Echeverría, Matto, Camarillo, and Carrasquilla concerning the cultural heritage of Madrid in the first third of the 20th century reveals a polyphonic and dynamic historical account. This analysis highlights the diversity of sensibilities towards European cultural heritage, as well as the divergences among them. The information found in the travel books studied, sometimes intertwined with European traditions yet often marked by a sense of otherness, provides fertile ground for constructing decolonial, inclusive, and plural historical narratives.

Keywords: Camarillo; Carrasquilla; Echeverría; Madrid; Matto.

1. Introdução

Este estudo centra-se na informação sobre o património cultural da cidade de Madrid, definido pela UNESCO como “paisagem urbana histórica”,¹ e que Clorinda Matto (1908), María Enriqueta Camarillo (1930), Inés Echeverría (1937) e Isabel Carrasquilla (2011) abordam nos seus livros de viagens. Esta análise envolve elementos da estrutura urbana, usos do espaço e valores sociais associados aos processos de memorialização para explorar

¹ UNESCO. *Recommendation on the Historic Urban Landscape*. <https://whc.unesco.org/en/hul/>.



a construção de narrativas históricas. A seleção dos monumentos ou dos edifícios históricos está relacionada com os interesses de cada uma das autoras, já que as motivações pelas quais viajam são diferentes. Dessa maneira, as inquietações de Matto em conhecer os sistemas educativos femininos na Europa levam-na a visitar centros escolares e instituições académicas que não fazem parte do percurso de Echeverría ou Carrasquilla, cujas visitas se concentram nas principais atrações turísticas da cidade. No entanto, durante o processo de investigação, verificou-se que existem lugares-comuns e que tudo está filtrado pela perspetiva da alteridade, dado que observam as manifestações culturais como agentes externos e as interpretam de acordo com a sua bagagem pessoal.

O presente trabalho insere-se no âmbito do projeto REWIND,² uma iniciativa que emprega uma metodologia inovadora e interdisciplinar, ancorada nas Humanidades Digitais. O projeto utiliza a literatura de viagens como fonte histórica para explorar o património cultural europeu a partir das abordagens de género decoloniais. O fluxo de trabalho integra a codificação em XML-TEI, dados abertos interligados (LOD) do setor GLAM (galerias, bibliotecas, arquivos e museus) e sistemas de informação geográfica (SIG), com o objetivo de desenvolver um modelo ontológico que conecte o património cultural europeu do início do século XX à web semântica. Além disso, estudam-se aspetos da receção do “património dissonante” (Tunbridge & Ashworth, 1996) através de técnicas como análise de sentimentos, estudos de colocação léxica e mapeamento de campos semânticos, entre outras ferramentas da Linguística de Corpus. O objetivo do projeto é amplificar as vozes de mulheres latino-americanas envolvidas no feminismo e na diversidade sociocultural, posicionando-as como agentes na construção de narrativas históricas sobre o património cultural europeu. Esta aproximação confronta o “discurso patrimonial autorizado” (Smith, 2006), promovendo narrativas históricas decoloniais, plurais e inclusivas.

Ao explorar diferentes relatos históricos, o projeto REWIND adota uma abordagem polifónica sobre a receção do património. Por conseguinte, não se limita a acrescentar testemunhos de mulheres ou a enumerar as produções culturais que criaram, mas procura construir uma história mais plural. No entanto, enfrenta desafios na desconstrução do discurso patrimonial autorizado da época. A identificação das autoras como mulheres latino-americanas, isto é, como agentes não europeias, não exclui que nos seus livros se registem perspetivas influenciadas pela branquitude, androcentrismo, patriarcado ou eurocentrismo, que podem refletir a sua educação de tradição europeia. Assim, é comum identificar nos textos estudados referências ao património cultural europeu no contexto da vivência quotidiana das autoras e anteriores às viagens, as quais, de certa forma, influenciam a sua interpretação:

Lo que más me indispone contra la pintura española, son las copias, vistas desde que se abrieron mis ojos a la luz de este mundo. Los Velázquez y Murillos de mi casa no me produjeron otra impresión, en el original, que la de ser conocidos antiguos, que me traían muchos aburrimientos prendidos en sus colores. En fuerza de haberlos mirado tanto, no me decían nada. (Echeverría, 1937, p. 83)

Nos livros de viagens analisados, observa-se uma conversa entre o próprio e o alheio, o familiar e o estrangeiro, que define a receção do património por parte das viajantes. No entanto, apesar do compromisso das autoras com o feminismo e a diversidade cultural, trata-se de uma narrativa que obedece ao cânone europeu da época. Esta complexidade é ainda acentuada pelo elitismo presente em determinados círculos sociais, que constituíam o principal grupo demográfico na América Latina com possibilidades de realizar viagens de lazer na Europa nas primeiras décadas do século XX.

Os “lugares de memória” definidos por Nora (1989) estão associados a conceitos como comemoração, verdade, perpetuidade e lembrança. A memorialização implica a expressão territorial de um discurso patrimonial autorizado, pois o património constitui uma representação ou um processo que visa negociar, criar e recriar memórias, valores e significados culturais (Smith, 2011). Dessa forma, a paisagem urbana histórica resulta de

² REWIND Project. <https://rewind-project.fcsh.unl.pt/>



uma seleção de eventos e personagens históricos executada por estruturas de poder (Foucault, 1977). Neste sentido, reflete uma estrutura narrativa que enfatiza uma interpretação particular da história, mostrando, ao mesmo tempo, as suas contradições (Fernández Posadas, 2021).

Nos lugares de memória, coexistem narrativas diversas que competem entre si para definir como o passado é relatado (Bevan, 2023). Num monumento ou edifício histórico, sobrepõem-se diferentes camadas de informação. Por um lado, evidencia-se um espaço e uma cronologia, que pode corresponder à pessoa ou evento representado ou à data de design e construção; por outro, simbolizam-se valores associados a estratégias de poder, dado que as heranças do passado desempenham um papel fundamental na construção das identidades coletivas, ao oferecerem narrativas históricas ao serviço de uma determinada “comunidade imaginada”, baseada numa origem e num destino comuns (Peralta, 2017). Portanto, a sua funcionalidade será questionada, em muitos casos, por teses identitárias o que, além disso, pode provocar a sua mudança de localização e até mesmo desaparecimento. Paralelamente, o património é, por definição, dissonante, pois resulta de mecanismos que legitimam uma memória, enquanto contestam ou questionam outras identidades culturais ou realidades sociais (Crippa, 2021).

Esta proposta enquadra-se na teoria feminista decolonial (Lugones, 2018). Nesse sentido, as autoras latino-americanas do corpus do projeto REWIND (Comino, 2024c) participam como agentes ativas na construção de narrativas históricas sobre a Europa, a partir da sua receção da paisagem urbana histórica da cidade de Madrid. Através da “interseccionalidade” (Viveros Vigoya, 2016) e da sua condição de viajantes e escritoras profissionais, aspetos geralmente reservados à esfera masculina (Miseres, 2017), reivindica-se a sua voz na construção do conhecimento histórico (Thibodeau, 2019) com base nos dados fornecidos pela literatura de viagens como fonte histórica (Hodgson, 2008) numa nova leitura com abordagens decoloniais (Pratt, 1992; Edwards & Graulund, 2011; Kuehn & Smethurst, 2009). A integração das suas observações no discurso histórico autorizado permite construir um relato poliédrico, matizado pela alteridade.

Se, desde o século XV, o fluxo de viagens, tanto científicas quanto comerciais, tinha sido da Europa para a América, principalmente protagonizado por expedições de carácter exploratório e extrativista, com as modificações do modelo geopolítico colonial a partir do século XIX, cidadãos das novas repúblicas da América Latina começaram a viajar para a Europa como turistas (Mattalia et al., 2008; Pera, 1998). O fenómeno do turismo empoderou também as mulheres ao permitir-lhes viajar e partilhar as suas experiências através de diferentes formatos de escrita de viagem, dando assim voz a uma memória silenciada pela ordem patriarcal (Chávez Díaz, 2020). Estes relatos de viagem configuram um imaginário sobre a Europa influenciado pela “colonialidade do poder” (Quijano, 1992) e ligado aos discursos nacionais históricos oficiais e hegemónicos (Willems, 2013). Nos livros de viagem analisados, evidencia-se que as autoras chegam à Europa com uma imagem preconcebida não só pela educação “à europeia”, mas também pelas suas leituras sobre viajantes latino-americanos na Europa. Desse modo, Matto aponta:

La verdad es que París, el emporio de las diversiones, no ha sido para mí el paraíso deslumbrador, porque mi imaginación fué [sic.] más allá de la realidad llevada por las descripciones de los viajeros sudamericanos. (Matto, 1909, p. 309)

Frente à figura do homem empreendedor, a maioria dessas mulheres acompanhavam os seus maridos ou família em viagens de lazer, trabalho ou saúde (Irvine, 2008). As turistas, em geral, pertenciam a posições económicas abastadas, eram educadas e estavam interessadas na cultura dos lugares que visitavam. Graças a estas viagens, ampliaram os seus horizontes e aprimoram a sua criatividade literária (Alfonso Mola, 2012). Deste modo, Echeverría, Matto e Camarillo atuaram como mediadoras culturais entre a Europa e a América. Publicaram os relatos das suas viagens na primeira metade do século XX, dando a conhecer à sua comunidade leitora uma interpretação da história de Espanha baseada nos conhecimentos adquiridos durante as suas experiências, mas também com base em leituras prévias. Carrasquilla partilhou igualmente as suas vivências em formato de livro, mas de âmbito privado, já que o seu relato era dirigido aos seus netos e só seria editado em 2011. No entanto,



de 1938 a 1939, publicou vários artigos relacionados com esta viagem na revista *Letras y Encajes* (Pérez Sastre, 2011).

O discurso oficial e hegemónico sobre o significado do património cultural europeu do início do século XX estava vinculado à construção do conhecimento histórico escrito por autores masculinos, ocidentais, brancos, de classe alta, com uma perspetiva individualista (Wynter, 2003). No entanto, não existe um único discurso histórico, pelo que as conotações do património são entendidas de forma diferente dependendo de vários fatores identitários, como a religião, o género, o status ou a etnia (Ngozi Adichie, 2018). Consequentemente, no âmbito da teoria decolonial, nas últimas décadas, a investigação sobre o património cultural tem incentivado uma crítica que revela as chaves ocultas dos processos patrimoniais que perpetuam a desigualdade, o racismo ou a supremacia institucional (Crang & Tolia-Kelly, 2010).

O presente trabalho explora a receção da paisagem urbana histórica madrilenha por parte das autoras latino-americanas, com o objetivo de detetar se o discurso patrimonial autorizado, projetado pelos monumentos, hodónimos e edifícios históricos da cidade de Madrid no início do século XX, se transfere para a literatura de viagens ou, pelo contrário, se esses textos oferecem uma interpretação alternativa às narrativas históricas vigentes na época. Em primeiro lugar, expõem-se os fatores que condicionam as viagens de cada uma das escritoras para contextualizar as leituras que estas fazem da paisagem urbana histórica de Madrid. Em segundo lugar, analisam-se todas as referências aos elementos do património cultural madrilenho mencionadas pelas autoras nas suas obras, a partir de uma abordagem feminista decolonial. Em terceiro lugar, através da leitura diacrónica dos relatos de viagens, estudam-se as modificações que a paisagem urbana histórica madrilenha sofreu entre 1900 e 1930. Finalmente, apresentam-se as conclusões do trabalho.

2. Um olhar caleidoscópico sobre a cidade de Madrid

Nas primeiras décadas do século XX, Madrid experimentou grandes mudanças, tanto a nível de urbanismo como de infraestruturas que transformaram completamente a sua fisionomia. No dia 4 de abril de 1910, o rei Afonso XIII inaugurou as obras da Gran Vía e, a 17 de outubro de 1919, a primeira linha de metro da cidade. Durante este período, também foram construídos edifícios icónicos como o Metròpoli ou o Teatro Odeón (García del Moral, 2021). No entanto, apesar do impulso modernizador, Madrid era uma cidade de contrastes, como evidenciam os livros das autoras estudadas. Nas suas páginas, surgem referências a atividades de lazer reservadas a uma minoria privilegiada, como a assistência a uma representação de uma obra de zarzuela (Matto, 1908, p. 316) ou de teatro (Carrasquilla, 2011, p. 76), ou ainda a uma corrida de touros (Carrasquilla, 2011, p. 76; Echeverría, 1937, pp. 105–113), mas também se alude à realidade de pobreza que afetava grande parte da sociedade madrilenha, palpável nas ruas por onde as escritoras transitavam (Camarillo, 1930, pp. 147–150; Carrasquilla, 2011, p. 74).

A condição de viajantes das autoras confere-lhes um ponto de vista de testemunha privilegiada que constitui a base da dimensão histórica da literatura de viagens e permite explorar diferentes subjetividades (Añón & Rodríguez, 2009). Deste modo, propõe-se ouvir o diálogo entre a paisagem urbana histórica e as viajantes latino-americanas como se fosse uma obra polifónica, em que os silêncios têm tanta importância quanto as palavras. Dessa maneira, lê-se a malha urbana como um livro de História, a partir dos edifícios, monumentos, praças e ruas que as autoras mencionam nos seus livros. Esta perspetiva é condicionada por vários fatores. Trata-se de mulheres comprometidas com a diversidade cultural e o feminismo (Comino, 2024b, pp. 204–207). Além disso, têm uma formação de tradição europeia, de modo que, em algumas ocasiões, reconhecerão elementos culturais associados ao património, mas, em outras, experimentarão um choque cultural que evidenciará processos de alteridade. A esses condicionantes acrescenta-se que a aproximação à cidade difere de umas escritoras para outras, tanto pela cronologia dos seus relatos como pelos seus interesses e experiências pessoais.

Os itinerários que as autoras do corpus do projeto REWIND realizam por Madrid estão subordinados às circunstâncias que motivaram as suas estadias nesta cidade. Dessa forma, Echeverría visitou Madrid em 1900,



durante uma viagem pela Europa, acompanhada pelo seu marido, Joaquín Larraín. A sua atitude em relação à capital de Espanha não parece muito positiva:

Estaba dispuesta a que Madrid no me interesara. Ciudad moderna, banal, sin historia, ni monumentos árabes, no había de sugerirme nada. No era ciudad de Caballeros, sino de ridículos Señoritos. No tuvieron trono en Madrid las grandes Reinas, como doña María Pacheco, la Leona de Castilla, ni la Brava María de Guzmán, ni los grandes Capitanes. No se jugaron allí nobles destinos, ni se vivieron pasiones, de esas que trascienden y forman la trama de los pueblos, anudando o rompiendo corazones. En mi programa había puesto tres días para Madrid; solo el tiempo de conocer el Museo del Prado, Recoletos, la Fuente Castellana y de sentir el ambiente — alma de las ciudades que nos penetra fuera de palabras, de libros, personas y hechos. (Echeverría, 1937, p. 76)

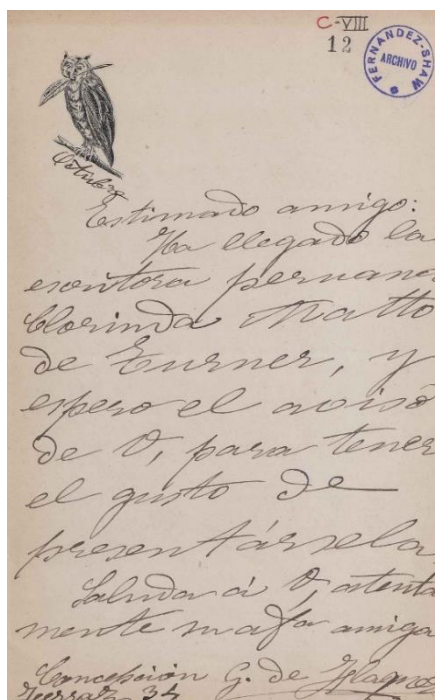
No texto de Echeverría, aprecia-se o seu interesse pela história e, mais concretamente, pelas personagens históricas femininas, como María Pacheco.³ No entanto, no seu itinerário pela cidade, não menciona um único monumento, espaço público ou obra de arte relacionada com mulheres. A ideia preconcebida que a autora tinha de Madrid era a de uma cidade “moderna” e sem história, pelo que estava apenas interessada em experimentar o ambiente madrileno e conhecer lugares emblemáticos da cidade, como o Museu do Prado.

Matto chegou a Espanha em 1908 com o objetivo de estudar os modelos europeus de educação feminina. Em Madrid, estabeleceu uma extensa rede social, composta por várias figuras que a acompanhariam nas suas caminhadas pela cidade. Entre essas pessoas destacam-se Concepción Aleixandre, Saturnino Alonso, Sofía Casanova, Antonia Castro, Francisco de Paula Flaquer, Concepción Gimeno e a marquesa de La Laguna. A autora aproveita a sua viagem para ampliar e reforçar os seus contactos profissionais (fig. 1), de tal modo que no seu texto não faz apenas referência a atividades recreativas, mas também relata com detalhe os seus encontros com escritores, especialmente com escritoras, educadoras, jornalistas, diplomatas e políticos, talvez como estratégia de autolegitimação (Vicens, 2015). Dessa maneira, Matto indica a tensão entre os seus desejos de conhecer a cidade como turista e cumprir, ao mesmo tempo, com os compromissos sociais:

Deseo conocer la ciudad y sus edificios notables antes de ponerme en contacto con la sociedad mediante las cartas de presentación que tengo para familias y personajes de la corte, porque una vez en sociedad hay que llenar los deberes por ella impuestos, y el tiempo ya no pertenece al viajero. (Matto, 1908, p. 41)

³ María Pacheco (c. 1496–1531), também conhecida como a “Leoa de Castela”, liderou a sublevação das Comunidades de Castela, assumindo o comando de Toledo após a execução do seu esposo, Juan de Padilla. A sua biografia tem sido analisada a partir de diferentes perspetivas, pois, além do seu protagonismo na resistência comunera, também despertou interesse pelo seu exílio em Portugal e pela sua influência num contexto histórico dominado por homens (Sánchez González, 2020).

Figura 1: Carta de Concepción Gimeno de Flaquer dirigida a Carlos Fernández Shaw para anunciar que chegou a Madrid a escritora Clorinda Matto de Turner e que deseja apresentá-la.



Fonte: Arquivo Carlos Fernández Shaw. Biblioteca da Fundação Juan March (Madrid). Assinatura: CFS-AE-VIII 11–12).

As referências ao património cultural no livro de Camarillo diferem das demais, uma vez que a autora se exilou em Madrid, acompanhada pelo seu marido, Carlos Pereyra, onde residiu entre 1916 e 1948 (Martínez Andrade, 2012, pp. 722–723). Nesse contexto, Camarillo descreve diversas cenas quotidianas observadas da varanda da sua residência que, na maioria dos casos, refletem choques culturais. Camarillo circula pela cidade como uma “madrilena”, atentando a aspetos que poderiam passar despercebidos a uma viajante, mas que para ela se configuram como pontos de referência do espaço que ocupa, como, por exemplo, o palácio onde residia a condessa de Doña Marina, situado na rua de Ayala:

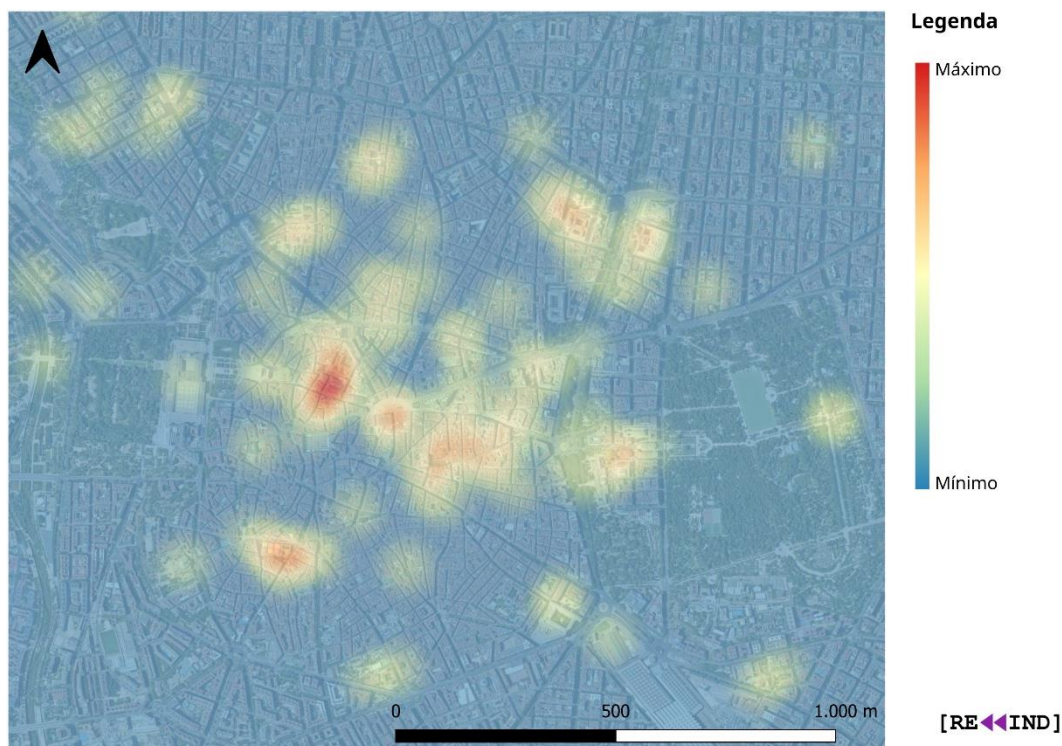
Quando yo pasaba por aquella esquina, sentía como si una mano me tomase del hombro, me introdujese con firmeza en esa calle y no me soltase sino hasta dejarme en la puerta de cierta casa hermosa y sugestiva. Ver entonces las escaleras y atender a su llamado, era una sola cosa para mí. Subía precipitadamente, y momentos después, al entrar en aquel salón donde ardía de continuo una poética lámpara encendida ante la hermosa Virgen de Murillo que decoraba con gran majestad el muro del fondo... (Camarillo, 1930, p. 165)

O caso de Carrasquilla assemelha-se ao de Echeverría, uma vez que percorre Madrid em 1929 acompanhada pelo seu marido, Claudino Arango, mas também pela sua sobrinha Sofia e pelos amigos, Pedro Jaramillo e Barbarita Peláez, como parte das suas férias pela Europa. O grupo visita lugares emblemáticos da cidade, como a Praça da Puerta del Sol, o Museu do Prado, a Real Basílica de Francisco o Grande ou o Monte de El Pardo. No entanto, destaca-se que incluíram no seu itinerário zonas marginais:

Recorrimos toda la ciudad, sin olvidar los barrios bajos. Las Carolinas, Las Américas y El Rastro, que es muy curioso. Éste es el lugar de las ventas populares, de lo más típico y pintoresco. Los objetos son expuestos en camillas, mesas, estantes, y hasta en el suelo, todo hermanado: las ventas de libros usados, con las de ropas viejas y remendadas; las de calzado y medias, con las de sombreros y toda clase de utensilios y baratijas. Parecido esto a los tendidos de los cachivacheros en los mercados de los pueblos, aquí en Antioquia. (Carrasquilla, 2011, p. 74)

A análise comparativa dos textos corrobora que as autoras que estiveram em Madrid de passagem, como mais um destino na sua rota europeia, incluem mais referências ao património cultural. No entanto, Camarillo sente a cidade de forma diferente e regista mais notícias sociais e cenas costumbristas. Apesar das diferenças de interesses, um estudo dos lugares frequentados pelas quatro autoras, a partir de uma abordagem geoliterária digital (fig. 2), evidencia que se concentram em torno da Praça da Puerta del Sol e da Gran Vía, onde existem numerosos teatros, lojas e restaurantes, uma vez que o lazer e a socialização eram uma parte importante da experiência de viagens. Outro foco é o conhecido como “Bairro das Letras”, onde se encontram as casas de Miguel de Cervantes e Lope de Vega e a igreja de São Sebastião. Destaca-se também a zona do denominado “Madrid dos Austrias” com localizações como a Praça da Cebada e a ermida de Santo Isidro. No entanto, o eixo que articula as visitas culturais converge nos passeios do Prado, Recoletos e a Castellana, onde se encontra o Museu do Prado, a Biblioteca Nacional de Espanha, as fontes de Neptuno e Cibele e os monumentos a Cristóvão Colombo, Isabel I de Castela e Diego Velázquez, entre outros elementos do património cultural de Madrid registados pelas autoras nos seus livros.

Figura 2: Mapa de calor baseado na Estimativa de Densidade de Kernel, que reflete as áreas de Madrid mais transitadas segundo Echeverría (1937), Matto (1909), Camarillo (1930) e Carrasquilla (2011).



Fonte: Projeto REWIND.

3. Materialização da memória no espaço urbano de Madrid

O conceito de paisagem urbana histórica definido pela UNESCO não contempla apenas elementos materiais e imateriais, mas também os usos do espaço e valores sociais associados aos processos de memorialização. Portanto, embora se baseie no componente lugar, apresenta uma variável dinâmica que recai nos ideais que representa. Estes estão sujeitos a interpretações por diferentes grupos sociais ao longo do tempo, como demonstrou o movimento “Black Lives Matter”, que resultou na resignificação de certos monumentos ao articular uma “contra-memória” que revela os legados negativos do imperialismo no espaço público (Palacios González, 2024). Além disso, estes marcos históricos permitem transferir um sentido de pertença como suporte físico para atividades sociais e manifestações culturais, tornando-se num “património vivo”. Dessa maneira, vários elementos patrimoniais da trama urbana de Madrid recolhidos por Echeverría, Matto, Camarillo e

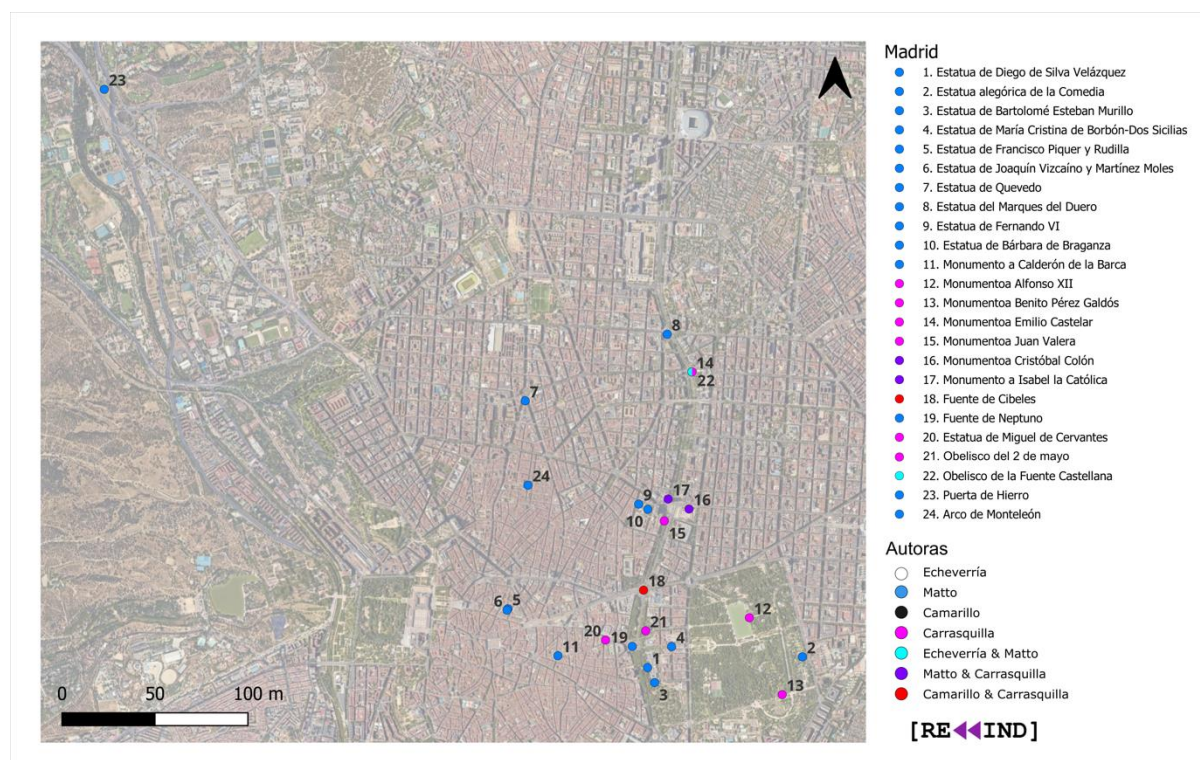


Carrasquilla ainda fazem parte da paisagem urbana histórica da cidade, embora talvez com outros significados, enquanto outros desapareceram.

As autoras referem-se a uma grande diversidade de monumentos urbanos. Por um lado, mencionam memoriais dedicados a escritores como Pedro Calderón de la Barca, Miguel de Cervantes, Francisco de Quevedo, Benito Pérez Galdós e Juan Valera, bem como a pintores como Bartolomé Esteban Murillo e Diego Velázquez (fig. 3). Estes são todos figuras masculinas, em contraposição ao grande número de personalidades femininas mencionadas nas suas páginas, mas que não estão representadas na cidade. Dessa forma, para citar apenas alguns exemplos, Camarillo dedica um capítulo completo à escritora Pilar de Valderrama (Camarillo, 1930, pp. 127–133), enquanto Matto afirma:

El señor Pando y Valle me pone en relación con escritoras, periodistas, educadoras españolas, cuyo número y preparación me sorprende, pues en América nos hemos familiarizado sólo con doña Emilia Pardo Bazán, la ideal Concepción Jimeno de Flaquer y la audaz y correcta Carmen de Burgos Seguí, más conocida por su seudónimo de Colombine, ignorando nombres consagrados por la fama que constituyen gloria para la causa de la mujer emancipada por la ley de la luz, que ilumina y embellece. (Matto, 1909, p. 44)

Figura 3: Mapa com os elementos da paisagem urbana histórica de Madrid mencionados nos livros de viagens de Echeverría (1937), Matto (1909), Camarillo (1930) e Carrasquilla (2011).



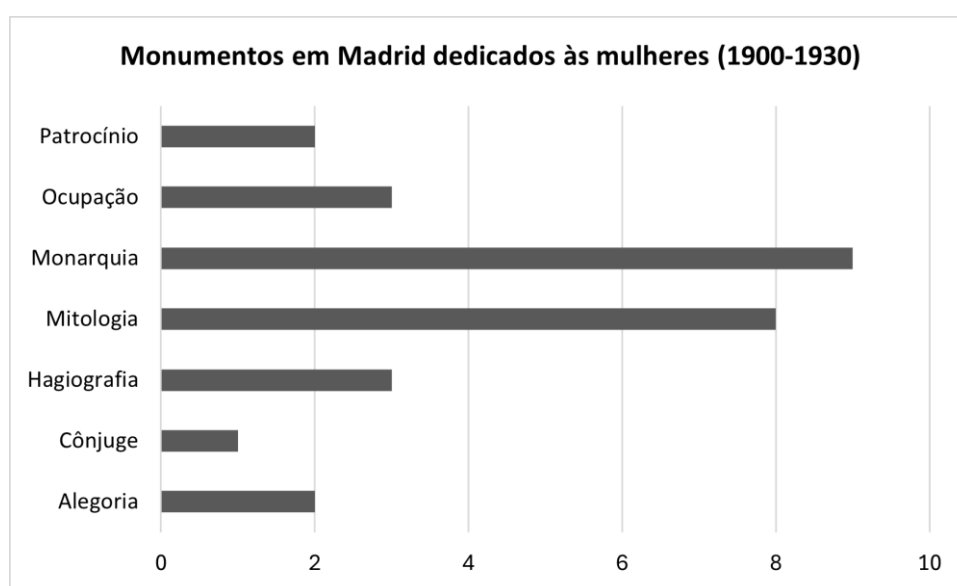
Fonte: Projeto REWIND.

O forte contraste entre as referências a criadoras — principalmente escritoras, mas também pintoras e escultoras — que aparecem nos livros de viagens analisados, e as escassas menções a obras de arte, espaços públicos ou memoriais relacionados com mulheres motivou a análise do género dos elementos da paisagem urbana histórica de Madrid entre 1900 e 1930, a fim de avaliar quantos eram dedicados a figuras masculinas, femininas ou de carácter neutro. Desse modo, dos 355 monumentos existentes em Madrid para o período estudado, segundo o



Portal de dados abertos da câmara municipal de Madrid,⁴ apenas 28 comemoravam a memória das mulheres. Ao realizar um estudo comparativo dos monumentos consagrados às mulheres em Madrid, observa-se uma predominância de homenagens a rainhas, santas ou virgens, alegorias femininas e figuras mitológicas (fig. 4). Somente três monumentos fazem referência à trajetória profissional de mulheres: a Puerta de la Latina, que era uma porta do Hospital de la Concepción de Nuestra Señora, fundado em 1499 por Francisco Ramírez, esposo de Beatriz Galindo, conhecida como “La Latina” (De la Morena Bartolomé, 1998); uns relevos de cerâmica datados de 1923, que representam duas leiteiras numa antiga vacaria desenhada por Gustavo Fernández Balbuena;⁵ e o monumento a Emilia Pardo Bazán. Este último caso é significativo, pois a maioria das mulheres a quem foram dedicados edifícios, placas, monumentos ou ruas em Madrid antes do governo da Segunda República personificavam o modelo de filantropas, anjos da caridade ou ativistas católicas comprometidas com causas sociais (Moral Roncal, 2015, p. 5359), em oposição com os ideais representados pela condessa de Pardo Bazán.

Figura 4: Gráfico que representa os elementos da paisagem urbana histórica de Madrid entre 1900 e 1930 relacionados com mulheres.



Fonte: Projeto REWIND.

A iniciativa de construção do monumento a Emilia Pardo Bazán foi do jornalista Eugenio Rodríguez de la Escalera, conhecido como Monte Cristo. A Duquesa de Alba presidiu o conselho para custear o projeto por subscrição de mulheres espanholas e argentinas. O monumento foi inaugurado a 24 de junho de 1926 num ato que contou com a presença dos reis de Espanha e teve uma grande repercussão mediática. A estátua, esculpida por Rafael Vela del Castillo, está situada sobre um pedestal desenhado por Pedro Muguruza Otaño (Aparisi Laporta, 2021, pp. 334–342). Ainda hoje pode ser contemplada na Rua de la Princesa, em frente ao Palácio de Liria (fig. 5). Pela cronologia, apenas poderiam tê-lo incluído nos seus livros *Camarillo* e *Carrasquilla*. No entanto, embora nenhuma das autoras mencione este monumento como ponto de interesse da cidade de Madrid, referem-se à escritora nos seus livros *Carrasquilla* (2011, p. 106) e *Matto* (1909, p. 44).

⁴ Dirección General de Patrimonio de Madrid. *Monumentos de la ciudad de Madrid*. <https://datos.madrid.es/portal/site/egob/menuitem.c05c1f754a33a9fbc4b2e4b284f1a5a0/?vgnnextoid=eb8e993ae322b610VgnVCM1000001d4a900aRCRD&vgnnextchannel=374512b9ace9f310VgnVCM100000171f5a0aRCRD&vgnnextfmt=default>. Este conjunto de dados oferece em formato reutilizável a base de dados de monumentos urbanos publicada na web <https://patrimoniopaisaje.madrid.es>.

⁵ Patrimonio Cultural y Paisaje Urbano. *Lecheras*. <https://patrimoniopaisaje.madrid.es/sites/v/index.jsp?vgnnextoid=a258091d1b9c4510091d1b9c45102e085a0aRCRD&vgnnextchannel=8fac3cb702aa4510VgnVCM1000008a4a900aRCRD>

Figura 5: Monumento dedicado a Emilia Pardo Bazán localizado na Rua de la Princesa (Madrid).



Fonte: Património Cultural e Paisagem Urbana. Antonello Dellanotte, 2018.

Voltando ao plano da cidade de Madrid do início do século XX, as autoras também aludem a monumentos referentes a eventos históricos de cariz nacionalista vinculados à história de Espanha, cuja memória se materializa no espaço público madrilenho, como a Guerra da Independência contra a França, através do Arco de Monteleón ou do Obelisco de 2 de maio, ou ainda o processo de colonização da América, representado pelo monumento a Cristóvão Colombo. Este último caso é significativo no âmbito da teoria feminista decolonial, uma vez que tanto Matto (1909, p. 47) como Carrasquilla (2011, p. 82) mencionam este monumento, mas não fazem referência às consequências da colonização. No entanto, refletem sobre a relação entre Espanha e a América quando abordam os monumentos a Colombo em Barcelona (Matto, 1909, p. 24) e na catedral de Sevilha (Carrasquilla, 2011, pp. 84–85).

Com o objetivo de explorar diferentes elementos da paisagem urbana histórica que se alinham com o conceito de “património dissonante”, como os monumentos associados à colonização europeia da América, comparam-se as narrativas das autoras com o discurso patrimonial autorizado. Dessa maneira, para o estudo de caso de Madrid, analisam-se textos de intelectuais como Rafael Altamira (1900-1911) e Emilio Castelar (1892), juntamente com referências das populares guias de viagem de Baedeker (1898), Bradshaw (Charnock, 1894) e Murray (Ford, 1890), a fim de explorar as discrepâncias entre as narrativas históricas oficiais e hegemónicas, e a receção dos monumentos coloniais por parte das escritoras latino-americanas. Retomando o exemplo de Cristóvão Colombo, em todos os casos, os textos analisados definem-no como um herói enquadrado num discurso de carácter imperialista. Nesta linha inscreve-se o comentário de Matto — “la plaza de Colón, donde se yergue el monumento del ilustre genovés” (Matto, 1909, p. 47) —, pois, apesar da brevidade, percebe-se que a ideia de admiração prevalece. Por sua vez, Carrasquilla limita-se a mencionar o monumento (Carrasquilla, 2011, p. 82). Esta abordagem, mediante uma leitura inversa, permite detetar se o discurso patrimonial autorizado, presente nos livros de história e refletido nos monumentos, transfere-se também para os livros de viagem quando são interpretados pelas autoras com base num posicionamento de alteridade.

A partir dos silêncios e das perspetivas comparadas entre os contextos europeu e americano, é possível identificar as influências da colonialidade nos discursos das autoras. Portanto, fundamentadas num conhecimento situado, as escritoras revelam as consequências do processo de colonização da América ao



comparar situações ou ao experienciar emoções relacionadas com o património cultural de Espanha, no âmbito do conceito de “diferença colonial” (Mignolo, 2000). Trata-se de uma noção que molda a construção das identidades a partir da experiência colonial e, por sua vez, integra o imaginário coletivo e a quotidianidade, ao ponto de Echeverría conectar a colonização da América com a crueldade que observa numa corrida de touros em Madrid, talvez uma das manifestações patrimoniais mais associadas à identidade espanhola e que se tornou um estereótipo:

Me pareció, aquel pueblo, brutal, sanguinario y despreciable.

—¡No me digas que conquistaron América! Nada les redime de su crueldad. Allá también llevaron su dureza y su látigo, esclavizando a los pobres indios. ¡Bonita manera de redimir pueblos con la cruz en una mano y con el garrote en la otra!

Yo estaba desbordada, como una catarata. (Echeverría, 1937, p. 112)

Por último, também em relação com os processos históricos de índole política, pode-se observar que, segundo as autoras e em comparação com outras cidades europeias estudadas no projeto REWIND, a monarquia está particularmente presente no urbanismo de Madrid através das estátuas dedicadas a figuras como Isabel I de Castela, Fernando VI, Bárbara de Bragança, Maria Cristina de Bourbon-Duas Sicílias, Isabel II e Afonso XII. Além disso, destaca-se que, nesta enumeração, a presença feminina é significativa (fig. 3), uma vez que se mencionam quatro estátuas de rainhas no espaço público madrileno, e só duas de monarcas masculinos. Esta seleção de pontos de referência na trama urbana de Madrid está relacionada com o conceito de “reginalidade” (Pagès Poyatos, 2017) e expõe as possibilidades que a exploração do património cultural oferece a partir da sua receção, uma vez que na paisagem urbana histórica de Madrid existem mais estátuas de reis do que de rainhas. Para citar apenas um exemplo, na Praça de Oriente, situada no centro histórico da cidade, encontram-se 20 estátuas de monarcas ligados à história de Espanha, das quais apenas uma é de uma rainha, Sancha de Leão (De Carlos Peña, 2012, p. 342).

A análise das referências da paisagem urbana histórica que as autoras estudadas incluem nos seus livros põe em evidência a conexão desta com a história de Espanha através dos monumentos relacionados com a monarquia, o processo de colonização da América e a Guerra Peninsular. A materialização de um discurso de caráter nacionalista contrasta com a crise de identidade que se deteta a princípios do século XX na sociedade espanhola (Martínez Martín, 2022). Além disso, o património cultural estudado evidencia um viés de género em relação ao qual sublinha a sua condição como ferramenta ao serviço do patriarcado (Arrieta, 2017), de tal modo que a escassa presença de mulheres na paisagem urbana histórica madrilena recorda o seu papel como mãe e esposa virtuosa e devota, especialmente das rainhas como perpetuadoras da dinastia.

4. Memória em movimento

A paisagem urbana histórica faz parte de uma memória coletiva que é polifónica e está em permanente reelaboração através de um constante diálogo que questiona o relato patrimonial autorizado (Marcos Arévalo, 2010). Os monumentos são construídos com a intenção de perdurar e preservar um relato oficial, mas sofrem mudanças de localização na cidade ao longo do tempo. As causas dessas mudanças são diversas, incluindo considerações políticas, reorganizações do traçado urbano e exigências sociais. A metodologia do projeto REWIND (Comino, 2024b, pp. 207–216) contempla analisar essas “memórias em movimento”, pois o que acontece com os monumentos também é parte da história. A seguir, desvendam-se dois casos que refletem a conexão entre o discurso patrimonial autorizado e as transformações da fisionomia de Madrid em relação a questões políticas e que tem como protagonista a rainha Isabel II.

Echeverría indica que, na sua viagem por Madrid em 1900, tinha previsto ver a Fonte da Castellana (Echeverría, 1937, p. 76), um monumento inaugurado em 1833 para comemorar o terceiro aniversário de Isabel II. Inicialmente, estava localizado na conhecida como Praça do Obelisco, na atual Glorieta de Emilio Castelar. Um obelisco emergia no centro da fonte, com duas esfinges de bronze como fontanários. No entanto, ao longo do



tempo, esta fonte sofreu transferências de localização e modificações estruturais. Dessa forma, em 1869, a bacia foi substituída por uma área ajardinada, e as esfinges foram realocadas no Parque del Buen Retiro (Muñoz de Pablo, 2011). Matto, na sua viagem a Madrid em 1908, também menciona este monumento: “en la ruta encuentro el famoso obelisco que da su nombre á [sic.] la plaza” (Matto, 1909, p. 47). No entanto, a autora não pôde contemplar a Fonte da Castellana em sua localização original porque em 1906 foi desmontada para erigir em seu lugar o monumento a Emilio Castelar, inaugurado em 6 de julho de 1908 (Azcue Brea, 2013). O estudo diacrónico da geolocalização da Fonte Castellana através da literatura de viagens adverte uma transformação da narrativa histórica refletida no desenho do plano da cidade de Madrid, uma vez que envolve o deslocamento de um monumento dedicado ao reinado de Isabel II em favor de outro que destaca a figura de um presidente da Primeira República (Comino, 2024a).

Outro exemplo de memória em movimento, também ligado a Isabel II, é a estátua de Tália, a musa do teatro cómico, esculpida por Francisco Elías Vallejo.⁶ Esta escultura foi originalmente criada para decorar o interior do Teatro Real. Em outubro de 1850, durante a inauguração do teatro e coincidente com o aniversário de Isabel II, uma estátua da rainha, obra de José Piquer e Duart, foi colocada na praça do teatro.⁷ No entanto, um ano depois, foi movida para dentro do edifício, permanecendo no vestíbulo até 1878, quando foi transferida para o Senado. Em 1862, a estátua de Tália foi instalada na Praça de Isabel II, ocupando o pedestal onde anteriormente se encontrava a da rainha. Contudo, em 1905, um ano após a morte de Isabel II no exílio, a estátua da monarca foi repostada na sua posição original na praça, onde permaneceu até abril de 1931, quando foi destruída no contexto da proclamação da Segunda República (Herrero de Padura, 1988, pp. 344–345). A estratégia de voltar a colocar a estátua de Isabel II na malha urbana de Madrid, promovida pelos defensores da monarquia, implicou a transferência da estátua da de Tália para os Armazéns da Villa e, posteriormente, à sua reinstalação no Parque del Buen Retiro, por volta de 1929, onde ainda pode ser vista nos Jardins de Cecilio Rodríguez. Portanto, embora Matto escreva “vamos á [sic.] la plaza de Isabel II, en cuyos jardines se eleva la estatua de la Comedia” (Matto, 1909, p. 42), em 1908, quando a escritora visitou Madrid, naquele lugar estava a estátua de Isabel II, pelo que é provável que Matto utilizasse alguma guia de viagem para se documentar. De acordo com esta perspetiva, na literatura de viagens existem diferentes linhas temporais. Por um lado, apresenta-se a informação cronológica relacionada com o período histórico ao qual um elemento do património cultural se associa pelas suas características ou faz alusão à data pela sua temática. Por outro lado, surgem referências temporais associadas ao momento em que a autora escreve, que podem informar, por exemplo, sobre o seu estado de conservação ou sobre uma mudança de cenário. E, finalmente, o tempo de escrita, que é o intervalo entre a vivência da viagem e a materialização das memórias, onde entra em jogo a reelaboração da memória, às vezes enriquecida com outras fontes de informação diferentes da experiência (López de Mariscal, 2004, pp. 86–94).

Nos dois casos analisados, observa-se que a figura de Isabel II é controversa e que os monumentos que aludem ao seu reinado chegam mesmo a desaparecer do panorama urbano histórico da cidade de Madrid durante algum tempo, em função do contexto político. Trata-se de um caso excecional, pois os demais elementos do património cultural mencionados pelas autoras permanecem na sua localização original quase um século depois, embora seja provável que muitos tenham sido resignificados.

5. Considerações Finais

A literatura de viagens permite observar como o discurso patrimonial autorizado, ligado às estruturas de poder, se manifesta nos espaços públicos, e de que forma a perceção das autoras da paisagem urbana histórica convida à reflexão sobre os processos de alteridade, promovendo outras interpretações condicionadas pelos seus

⁶ Patrimonio Cultural y Paisaje Urbano. *Thalía*.

<https://patrimonioypaisaje.madrid.es/portales/monumenta/es/Monumentos/Monumentos-urbanos/Thalia/?vgnnextfmt=default&vgnnextoid=ab08091d1b9c4510091d1b9c45102e085a0aRCRD&vgnnextchannel=8fac3cb702aa4510VgnVCM1000008a4a900aRCRD>

⁷ Gutiérrez de Miguel, V. (1922, 2 de febrero). Estatuas de Madrid. La de Isabel II en la plaza de este nombre. *La Voz, año III*(500), p. 3.



interesses, pelas circunstâncias das suas viagens ou pela sua formação cultural. No entanto, durante esta exploração, verificam-se dificuldades em desafiar a narrativa histórica hegemónica e oficial da época. A identidade das autoras como mulheres latino-americanas, em oposição à ótica das fontes históricas de produção europeia, mas considerando a idiosincrasia dos seus países de origem, bem como outros fatores de identidade interseccional, como o status, a etnia ou a religião, não elimina automaticamente a possibilidade de que Echeverría, Matto, Camarillo e Carrasquilla reproduzam perspetivas alinhadas com a branquitude, o androcentrismo, o patriarcado ou o eurocentrismo na receção da paisagem urbana histórica de Madrid. O caso do monumento a Cristóvão Colombo ilustra como essas dinâmicas podem coexistir e manifestar-se na construção das narrativas do passado, mesmo que a interpretação do património esteja matizada pela alteridade.

O conhecimento situado que as autoras proporcionam à comunidade leitora baseia-se numa comunicação em que se evidenciam tanto a identificação quanto a diferenciação em relação aos elementos do património cultural europeu documentados nos seus livros. A partir dos percursos analisados, observa-se uma estratégia discursiva onde o afastamento da cultura de origem, a exploração do desconhecido e as referências culturais europeias com as quais as autoras estão familiarizadas, se entrelaçam para convidar a pensar a paisagem urbana histórica da cidade de Madrid a partir de outras subjetividades.

Os elementos do cenário urbano histórico madrileno analisados são testemunhos de uma memória coletiva dinâmica e polifónica. Através do estudo das experiências das autoras latino-americanas, destaca-se a dissonância inerente ao património cultural e a constante negociação da memória histórica. Ao observar a paisagem urbana histórica da cidade de Madrid sob o olhar de Echeverría, Matto, Camarillo e Carrasquilla, realiza-se uma leitura inversa do relato histórico institucional no espaço público; isto é, parte-se da receção dos monumentos pelas viajantes para examinar se o discurso patrimonial autorizado, transmitido nos livros de história de autores europeus e refletido nos monumentos, também se manifesta nos livros de viagem. Nessa perspetiva, este estudo sublinha a importância de questionar as narrativas históricas predominantes e de explorar como estas interagem com diversas identidades e contextos culturais.

Agradecimentos

Joana Vieira Paulino.

Referências

Alfonso Mola, M. (2012). Viajeras entre dos mundos durante el Antiguo Régimen. Reflexiones desde una mirada de género. In S. B. Guardia (Ed.), *Viajeras entre dos mundos* (pp. 115–120). Universidade Federal da Grande Dourados.

Altamira, R. (1900-1911). *Historia de España y de la civilización española*. Juan Gili.

Añón, V. & Rodríguez, J. (2009). ¿Crónicas, historias, relatos de viaje? Acerca de los nuevos estudios coloniales latinoamericanos. In *VII Congreso Internacional Orbis Tertius de Teoría y Crítica Literaria* (La Plata, 2009).

Aparisi Laporta, L. M. (2021). Pardo Bazán. Su iconografía madrileña. Con ecos epistolares galdosianos, un triángulo en las letras. In *Doña Emilia: De Galicia a Madrid y el mundo por montera* (pp. 325–344). Instituto de Estudios Madrileños.

Arrieta Urtizberea, I. (2017). El sesgo androcéntrico en el patrimonio cultural. In I. Arrieta Urtizberea (Ed.), *El género en el patrimonio cultural* (pp. 11–18). Euskal Herriko Unibertsitatea.

Azcue Brea, L. (2013). El monumento a Castelar: Análisis de un proceso creativo. In L. Azcue Brea & L. Enseñat Benlliure (Eds.), *Mariano Benlliure. El dominio de la materia*. Dirección General de Patrimonio Histórico — Consorcio de Museos de la Comunitat Valenciana.

Baedeker, K. (1898). *Spain and Portugal*. Karl Baedeker.

Bevan, R. (2023). *Mentiras monumentales. La guerra cultural sobre el pasado*. Barlin Libros.



- Camarillo, M. E. (1930). *Brujas, Lisboa, Madrid (Madrid, 1930)*. Espasa-Calpe.
- Carrasquilla, I. (2011). *Impresiones de viaje escritas por una abuela para sus nietos*. Editorial EAFIT.
- Castelar, E. (1892). *Historia del descubrimiento de América*. [s.n.].
- Charnock, R. S. (1894). Bradshaw's illustrated hand-book to Spain and Portugal: A complete guide for travellers in the Peninsula. W.J. Adams & Sons.
- Chávez Díaz, L. (2020). *Viajar sola. Identidad y experiencia de viaje en autoras hispanoamericanas*. Edicions Universitat de Barcelona.
- Comino, A. (2024a). De la lectura de *Viaje de Recreo*: España, Francia, Inglaterra, Italia, Suiza y Alemania al modelado y análisis de datos sobre patrimonio cultural europeo. *Revista de Humanidades Digitales*, 9, 135–154. <https://doi.org/10.5944/rhd.vol.9.2024.40143>
- Comino, A. (2024b). Intertwining narrative and technology: Reinterpreting European cultural heritage through the voices of Latin American women writers. *International Journal of Humanities and Arts Computing*, 18(2), 202–223. <https://doi.org/10.3366/ijhac.2024.0333>
- Comino, A. (2024c). REWIND Corpus (1.0) [Data set]. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.14093621>
- Crang, M. & Tolia-Kelly, D. P. (2010). Nation, race, and affect: Senses and sensibilities at national heritage sites. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 42(10), 2315–2331.
- Crippa, G. (2021). Memória, patrimônio e dissonâncias: Ferramentas conceituais e epistemológicas para uma mudança de paradigmas. *Informação & Informação*, 26(4), 24–47. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n4p24>
- De Carlos Peña, A. (2012). La plaza de Oriente. In *Parques y jardines* (pp. 333–353). Instituto de Estudios Madrileños.
- De la Morena Bartolomé, A. (1998). Hospital de la Latina. In *Castilla La Mancha 2* (pp. 259–251). Ediciones Encuentro.
- Echeverría, I. (1937). *Entre dos siglos*. Ediciones Ercilla.
- Edwards, J. D. & Graulund, R. (Eds.). (2011). *Postcolonial travel writing: Critical explorations*. Routledge.
- Fernández Posadas, J. (2021). Patrimonio disonante: Una aproximación desde el arte del simulacro. *ZARCH*, 16, 118–131. https://doi.org/10.26754/ojs_zarch/zarch.2021165682
- Ford, R. (1890). *Handbook for travellers in Spain* (7th ed.). J. Murray.
- Foucault, M. (1977). *Language, counter-memory, practice: Selected essays and interviews*. Cornell University Press.
- García del Moral, M. (2021). *Madrid hace un siglo: 1900–1936*. Archivo ABC. Ediciones La Librería.
- Herrero de Padura, M. (1988). El retorno de la estatua de Isabel II al Congreso de los Diputados: Historia de tres estatuas de una reina. *Revista de Las Cortes Generales*, 15, 365–422. <https://doi.org/10.33426/rcg/1988/15/411>
- Hodgson, J. (2008). *Literature and travel: A historical perspective*. Routledge.
- Irvine, M. (2008). *Pour suivre un époux. Les récits de voyages des couples au XIXe siècle*. Éditions Nota bene.
- Kuehn, J. & Smethurst, P. (Eds.). (2009). *Travel writing, form, and empire: The poetics and politics of mobility*. Routledge.



- López de Mariscal, B. (2004). Relatos y relaciones de viaje al Nuevo Mundo en el siglo XVI: Un acercamiento a la identificación del género. *Polifemo — Tecnológico de Monterrey*.
- Lugones, M. (2018). Hacia metodologías de la decolonialidad. In *Prácticas otras de conocimiento(s): Entre crisis, entre guerras. Tomo III* (pp. 75–92). CLACSO.
- Marcos Arévalo, J. (2010). El patrimonio como representación colectiva. La intangibilidad de los bienes culturales. *Gazeta de Antropología*, 26(1). <http://hdl.handle.net/10481/6799>
- Martínez Andrade, M. (2012). María Enriqueta Camarillo de Pereyra: Escritora, maestra y viajera. In S. B. Guardia (Ed.), *Viajeras entre dos mundos* (pp. 559–577). Universidade Federal da Grande Dourados.
- Martínez Martín, J. A. (2022). ¿Qué es España? 1898, ¿una nación en crisis? In J. A. Martínez, *España, siglo XX. Las capas de su historia (1898–2020)* (pp. 15–46). Cátedra.
- Mattalia, S., Celma, P. & Alonso, P. (Eds.). (2008). *El viaje en la literatura hispanoamericana: El espíritu colombino*. Iberoamericana Vervuert.
- Matto, C. (1909). *Viaje de recreo: España, Francia, Inglaterra, Italia, Suiza, Alemania. Con más de 250 grabados ilustrativos*. F. Sempere y Compañía Editores.
- Mignolo, W. D. (2000). *Local histories/global designs: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. Princeton University Press.
- Miseres, V. (2017). *Mujeres en tránsito. Viaje, identidad y escritura en Sudamérica (1830–1910)*. The University of North Carolina Press.
- Moral Roncal, A. M. (2015). El elemento nobiliario en la redefinición urbana: El caso de la Villa y Corte (1835–1931). In P. Folguera, J. C. Pereira Castañares, C. García García, J. Izquierdo Martín, R. Pallol Trigueros, R. Sánchez García, C. Sanz Díaz & P. Toboso Sánchez (Coords.), *Pensar con la Historia desde el siglo XXI: XII Congreso de la Asociación de Historia Contemporánea* (pp. 5347–5381). UAM Ediciones.
- Muñoz de Pablo, M. J. (2011). Los orígenes del trazado del Paseo de la Castellana. *Anales del Instituto de Estudios Madrileños*, 51, 241–260.
- Ngozi Adichie, C. (2018). *El peligro de la historia única*. Random House.
- Nora, P. (1989). Between memory and history: Les lieux de mémoire. *Representations*, 26, 7–24.
- Pagès Poyatos, A. (2017). El Queenship como modelo teórico de poder formal e informal aplicado a la nobleza: apuntes para una propuesta metodológica, 5, 47–56. <https://doi.org/10.15366/jfgws2017.5.005>
- Palacios González, D. (2024). ¿Resignificar monumentos y construir contra-monumentos? Por una teoría materialista frente a una práctica ideológica. *Revista PH*, 111, 107–109.
- Pera, C. (1998). De viajeros y turistas: Reflexiones sobre el turismo en la literatura hispanoamericana. *Revista Iberoamericana*, 64(184), 507–528.
- Peralta, E. (2017). Lisboa e a Memória do Império: Património, Museus e Espaço Público. *Outro Modo – Le Monde Diplomatique*.
- Pérez Sastre, P. (2012). Edición comentada de las *Impresiones de viaje de una abuela para sus nietos* de Isabel Carrasquilla de Arango. In S. B. Guardia (Ed.), *Viajeras entre dos mundos* (pp. 239–263). Universidade Federal da Grande Dourados.
- Pratt, M. L. (1992). *Imperial eyes: Travel writing and transculturation*. Routledge.
- Quijano, A. (1992). Colonialidad y modernidad/razionalidad. *Perú Indígena*, 13(29), 11–20.



Sánchez González, R. (2020). María Pacheco entre el mito y la realidad. In I. Szászdi León-Borja & M. J. Galende Ruiz (Coords.), *Mujeres en armas: En recuerdo de María Pacheco y de las mujeres comuneras* (pp. 211–236). Centro de Estudios del Camino de Santiago.

Smith, L. (2006). *Uses of heritage*. Routledge.

Smith, L. (2011). El "espejo patrimonial". ¿Ilusión narcisista o reflexiones múltiples? *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, 1(12), 39–63. <https://doi.org/10.7440/antipoda12.2011.04>

Thibodeau, K. (2019). The construction of the past: Towards a theory for knowing the past. *Information*, 10(11). <https://doi.org/10.3390/info10110332>

Tunbridge, J. E., & Ashworth, G. J. (1996). *Dissonant heritage: The management of the past as a resource in conflict*. John Wiley & Sons.

Vicens, M. (2015). Entre las vacaciones y el trabajo: Sociabilidad y profesionalización en *Viaje de recreo* de Clorinda Matto de Turner. *Decimonónicas*, 12(2), 82–102.

Viveros Vigoya, M. (2016). La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. *Debate Feminista*, 52. <https://doi.org/10.1016/j.df.2016.09.005>

Willems, R. (2013). *Travel writing and the discourse of colonialism*. Cambridge Scholars Publishing.

Wynter, S. (2003). Unsettling the coloniality of being/power/truth/freedom: Towards the human, after man, its overrepresentation—An argument. *CR: The New Centennial Review*, 3(3), 257–337.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Este projeto recebeu financiamento do programa de investigação e inovação Horizonte Europa da União Europeia, no âmbito do Acordo de Subvenção da Ação Marie Skłodowska-Curie, N.º 101063220. **Revisão por Pares:** Simples-cega.



Todo o conteúdo da **NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais** é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.